

O Fotonovelismo, que nós aqui entendemos simplesmente como arte de contar histórias em quadrinhos, fixos, desenhados ou em fotografia, completados por legendas, encravadas ou não no quadro, sem demarcação de duração, podendo ser histórias curtas de imagens ou fotonovelas completas, de 200 quadros ou mais, poderíamos ~~chamar~~ considerar como gênero cinematográfico-literário, muito difundido, e muito aceito, especialmente junto à infância, juventude e mesmo adultos de modesta ilustração.

O que desejamos abordar neste artigo, não é a crítica ao fotonovelismo atualmente existente, já praticado, e de forma deseducativa e inflacionária, mas considerações a cerca de sua prática nas escolas e associações, com finalidade recreativo-educativa.

Praticar fotonovelismo, ou fazer histórias em quadrinhos, supõe uma atitude de ataque, exige a aplicação de dotes criadores. É evidente ser esta uma posição de maior conquista, do que a simples leitura, que é atitude receptiva, embora com o crivo da crítica. Quem escreve, exerce maior influência do que quem critica os escritos.

A prática do fotonovelismo pode ser uma fase preparatória, um treino prévio à formação de cineastas, gente capaz de narrar histórias visualizadas. Mário Civelli, cineasta nacional, consta que passou pelo estágio do fotonovelismo.

A utilização de histórias em quadrinhos pode ser múltipla, tanto em escolas, fábricas, catequese, como até mesmo em domicílio. É evidente que aqui nos referimos à fotonovela projetada, já que o fotonovelismo pode também ser escrito e é geralmente escrito.

Aliás, é ao fotonovelismo projetado que cabe mais o epíteto de gênero cinematográfico, já que o espectador só vê na tela a imagem e aprecia melhor na tela o dinamismo narrativo, que deve existir no fotonovelismo projetado.

Para que o Fotonovelismo projetado seja dinâmico, fotografam-se os pontos culminantes da ação, - que nunca poderão ser estáticos, como cartões postais- e se completa a explicação com comentários adequados, a serem lidos ou gravados em disco sincronizado.

Para se conseguir quadros dinâmicos, e uma história dinâmica, é preciso observar a vida e exercitar o poder inventivo da imaginação.

Trata-se de uma arte ao alcance de crianças: nós vimos a Descoberta do Brasil, narrada com slides fixos, desenhados, por crianças: Cabral saindo do Porto; navegando; sofrendo quase naufrágio; encorajando os marujos, vendo terras, falando com índios; assistindo à Missa primeira etc. O dinamismo e a simplicidade conquistam adultos e crianças.

É claro que o dinamismo conseguido pelo fotonovelismo não chega ser o de um filme de imagens em movimento e com fundo sonoro, mas é meio caminho andado para ele, sendo que as despesas são infinitamente menores e ao alcance de pessoas de poucos recursos. Em compensação, os resultados, no sentido de estimular as faculdades criadoras, são grandes e certos. (Serviço de Divulgação Cinematográfica)

(Dados não publicáveis: SDC - Caixa Postal 2540 - Porto Alegre. Pessoa responsável: H. Didonet. Publicação nº 60 - junho 1962 - Pedir-se recorte de publicação no notícia de divulgação)